

# **BULLYING ESCOLAR: A REPRODUÇÃO DA VIOLÊNCIA SOCIAL?**

Marylin Dolen Altobelli Rubinho<sup>1</sup>

Maria Raimunda Chagas Vargas Rodriguez<sup>2</sup>

## **RESUMO**

A pesquisa tem por objetivo investigar a percepção dos estudantes de pedagogia da UNICSUL - Universidade Cruzeiro do Sul (campus Anália Franco), acerca da *bullying* escolar e formas de intervenção profissional. *bullying* é um fenômeno grave, pois traz sérias consequências a curto e longo prazo a todos os envolvidos (vítima, agressor e até mesmo o observador passivo ou interveniente). Apesar de existirem vários fatores determinantes para a ocorrência do *bullying* como fatores econômicos, sociais e culturais, aspectos inatos de temperamento e influências familiares, de amigos, da comunidade e da mídia. Frente a isso, o presente estudo buscou investigar de que maneira docentes e gestores podem para a incidência de *bullying*, bem como a forma que estas concepções influenciam na prática diária destes profissionais levando em consideração a conduta de gestão democrática e as complexas relações presentes do trabalho docente. A pesquisa bibliográfica realizada permitiu concluir que embora o trabalho docente e do gestor seja complexo e esteja permeado de inúmeras especificidades é de essencial importância que todos aqueles que assumiram a responsabilidade pela educação estejam conscientes e ativos na construção de relacionamentos de cooperação e respeito ao outro, uma vez que o *bullying* não pode ser considerado uma brincadeira de criança, já que está inserido num quadro de violência muitas vezes velada e, portanto, prejudicial a todos que frequentam a instituição escolar. Concluiu-se que a solução pode ser obtida no próprio ambiente escolar, pois o papel da escola e do educador é de grande relevância na promoção ou não de um comportamento hostil, competitivo, intolerante e agressivo entre os estudantes.

**Palavras-chave:** violência escolar. *bullying*, escola, professor

## **ABSTRACT**

The research aims investigate the students' perceptions of pedagogy UNICSUL - Universidade Cruzeiro do Sul (Anália Franco campus), about school bullying and forms of professional intervention. Bullying is a serious phenomenon, because it brings serious consequences in the short and long term to all involved (victim, perpetrator and even the passive observer or actor). Although there are several factors for the occurrence of bullying as economic, social and cultural aspects of innate temperament and influence from family, friends, community and media. Given this, the present study investigated how teachers and managers can contribute to the incidence of bullying, as well as how these concepts influence the daily practice of these professionals considering the conduct of democratic management and the complex relation of teaching. The bibliographical research showed that although teachers' work and the manager is complex and is permeated with numerous features is of paramount importance that all those who took responsibility for education to be aware and active in building relationships of cooperation and respect for others, once that bullying can not be considered child's play as it is inserted in a context of violence often veiled and therefore detrimental to all who attend the school. It was concluded that the solution can be obtained within the school environment because the role of school and teacher is of great importance in promoting or not the conduct hostile, competitive, aggressive and intolerant among students.

**Keywords:** school violence. *bullying*, school. Teacher

---

<sup>1</sup> Bacharel em Estatística pela Universidade Capital, Bacharel e Licenciatura de Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul; Mestranda em Políticas Sociais pela Universidade Cruzeiro do Sul

E-mail: [marylindolen@gmail.com](mailto:marylindolen@gmail.com)

<sup>2</sup> Assistente Social do Tribunal de Justiça de São Paulo, professora titular da Universidade Cruzeiro do Sul, professora do mestrado em Políticas Sociais.

E-mail: [mrvargas@tjsp.jus.br](mailto:mrvargas@tjsp.jus.br)

## INTRODUÇÃO

O presente estudo será realizado na Universidade Cruzeiro do Sul, localizada no município de São Paulo (SP), com estudantes na disciplina do curso de Pedagogia. A pesquisa tem por objetivo investigar a percepção dos estudantes de pedagogia da UNICSUL - Universidade Cruzeiro do Sul (campus Anália Franco), acerca da *bullying* escolar e formas de intervenção profissional.

A questão da violência, particularmente a que perpassa o universo escolar, vem sendo abordada nos cenários nacional e internacional como um dos grandes desafios para a construção de uma Cultura de Paz. Para entender estes desafios, é importante ressaltar que o termo violência é provido de múltiplos sentidos e significados, acolhendo diferentes situações que fazem menção a realidades distintas e heterogêneas (ABRAMOVAY, 2003). A temática da violência nas escolas constitui ponto de confluência de processos sociopolíticos, econômicos e culturais. A compreensão do fenômeno requer atenção tanto a aspectos externos às instituições de ensino como as questões de gênero, as relações raciais, as situações familiares, a influência das mídias e o espaço social das escolas; quanto a aspectos internos como a idade, o nível de escolaridade dos estudantes, as regras, disciplina e o sistema de punições expressos no projeto político pedagógico e o comportamento do corpo docente em relação aos alunos e à prática educacional (ABRAMOVAY, RUA, 2002).

Conforme Michaud (1989), não há um saber universal sobre a violência e as definições objetivas, ainda que úteis, não estão isentas de pressupostos diversos e não conseguem apreender o conjunto de fenômenos sociais. Ainda segundo o autor, há violência numa situação de interação, em que um ou vários autores agem de maneira direta ou indireta, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física ou moral, em suas posses, em suas participações simbólicas ou culturais. O autor também aponta duas orientações principais para o termo violência: de um lado, atos de violência (neste caso, a violência está presente em atos concretos de agressão, destruição e transgressão da regra e da ordem em vigor); de outro lado, estados de violência (neste caso, a violência está oculta em estados sutis de uso da força). Deste modo, já não se trata somente de atitudes brutais, mas de uma situação ou circunstância social que oprime, reprime, violenta, gradualmente, às vezes até de forma quase imperceptível,

sendo relevante a busca pelas raízes dos conflitos geradores dessa violência, não apenas através das cenas expressas, mas principalmente através das violências veladas (NOGUEIRA, 2007).

Charlot (1997) amplia o conceito de violência escolar, levando em conta não apenas a violência física, os crimes, o vandalismo ou a violência explícita, mas também a violência simbólica ou institucional (insegurança, sensações de desprazer relacionadas ao ato educacional, abusos de poder) e as incivildades (humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito). A reflexão sobre as diferentes faces da violência e particularmente a violência implícita é, portanto necessária, já que seus resultados não são visíveis, mas estão presentes em nossas ações e interações cotidianas acarretando sérias conseqüências. É neste cenário que o *bullying* escolar está inserido e é considerado menos grave que a violência explícita, pois é apenas uma “brincadeirinha” entre alunos, apenas “coisas da idade” que “fazem parte da vida e do processo de amadurecimento”. Nogueira (2007) afirma que essa violência pode se tornar perigosa, pois não é controlada por ninguém e não possui regras, porém tem a possibilidade de se tornar facilmente uma violência explícita. Ao se naturalizar esse tipo de violência, acaba-se por banalizá-la provocando insensibilidade ao sofrimento, desrespeito e invasão do campo do outro, sendo imprescindível a conscientização e mobilização de todos os envolvidos com a educação.

Essa violência pode se tornar perigosa, porque não é controlada por ninguém e não possui regras, mas pode se tornar facilmente uma violência explícita. Ao se normatizar esse tipo de violência, acaba-se por banalizá-la provocando a insensibilidade ao sofrimento, ao desrespeito e à invasão do campo do outro, cabendo a todos os envolvidos com a educação (escola, professores, pais e comunidade) estarem atentos e conscientizados a esse tipo de comportamento.

O *bullying* é um fenômeno mundial antigo, todavia poucos esforços foram despendidos para seu estudo sistemático até princípios da década de 1970. Dan Olweus, pesquisador norueguês da Universidade de Bergen e criador do termo *bullying*, desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica indicando que um estudante só é vítima quando exposto repetidamente e a todo o tempo a ações negativas por um ou mais estudantes. As definições de *bullying* convergem para o fato de que o *bullying* escolar compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais, de caráter regular e freqüente que

ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor, angústia, humilhação e conseqüências no âmbito emocional e da aprendizagem sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder (ABRAPIA, 2003; FANTE, 2005; PEREIRA, 2002; NOGUEIRA, 2007).

Para ABRAPIA (2003), o bullying escolar compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao bullying pode ser consequente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes.

Fante (2005) afirma que insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam e ridicularizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações desse tipo de comportamento. O *bullying* é um fenômeno grave, pois traz sérias conseqüências a curto e longo prazo a todos os envolvidos (vítima, agressor e até mesmo o observador passivo ou interveniente). Para a vítima, a não superação do trauma poderá desencadear em sentimentos negativos, baixa auto-estima, dificuldades de aprendizagem, comportamentos agressivos ou depressivos, sofrer ou praticar o *bullying* em fases posteriores da vida (como no local de trabalho) e ainda cometer o suicídio. Em estudo recente com estudantes, Kim, Leventhal, Koh e Boyce (2009) chegaram à conclusão de que há uma forte relação entre vítimas de *bullying* e o risco de suicídio. O agressor pode ter dificuldades de convivência e ter a crença de que é através da violência que se consegue o que quer. O observador também sofre as conseqüências, já que o direito de ter uma escola segura, saudável e solidária é ameaçado e o medo e a insegurança de ser a próxima vítima podem interferir em seu processo de aprendizagem.

A presença desse fenômeno constitui, em maior ou menor incidência, realidade inegável em nossas escolas, independentemente do turno escolar, das áreas de localização, do tamanho das escolas ou cidades, de serem séries iniciais ou finais, de ser escola pública ou privada (FANTE, 2005). Assim sendo, a crença por parte de docentes e gestores de que o *bullying* não ocorre em seus ambientes de trabalho é superficial, pois segundo Pereira (2002), todos nós, ao longo da vida, já presenciamos ou vivenciamos situações de *bullying*. Os resultados das pesquisas

feitas por Fante (2005) e Abrapia (2003) revelam que os índices de *bullying* no Brasil são maiores que os europeus e ocorrem em sua grande maioria na sala de aula, sendo visível, portanto, a enorme importância que este tema deve adquirir entre os educadores. Perceber e monitorar as habilidades ou possíveis dificuldades que possam ter os jovens em seu convívio social com os colegas passa a ser atitude obrigatória daqueles que assumiram a responsabilidade pela educação (NETO, 2005, CONSTANTINI, 2004).

(...) A barbárie, aquilo que gera ou permite a violência física, primitiva, e a destruição entre os homens deve deixar de existir. E a educação precisa colocar essa meta: apontar a barbárie, aprender a reconhecê-la, mantê-la consciente e promover a reflexão crítica sobre esta realidade. Esta reflexão crítica deve estar presente na formação de todo educador, de modo que ele possa situar a sua situação a partir dela (ADORNO, 1995, p. 161).

Infelizmente o assunto referente ao fenômeno bullying não é muito abordado nos debates acadêmicos das nossas universidades, nos encontros pedagógicos das Escolas ou nos cursos de formação propiciados aos professores

Apesar de existirem vários fatores determinantes para a ocorrência do *bullying* como fatores econômicos, sociais e culturais, aspectos inatos de temperamento e influências familiares, de amigos, da comunidade e da mídia, a solução possível pode ser obtida no próprio ambiente escolar, pois o papel da escola e do educador é de grande relevância na promoção ou não de um comportamento hostil, competitivo, intolerante e agressivo entre os estudantes (SHARP, SMITH, 1996 apud NOGUEIRA, 2007). Em discussão com Becker, Adorno (1995) também discute a promoção da concorrência no meio escolar afirmando que esta prática é um princípio no fundo contrário a uma educação humana. Becker igualmente compartilha da idéia de que a competição entre indivíduos e entre grupos, conscientemente promovida por muitos professores em muitas escolas, é considerada no mundo inteiro e em sistemas políticos bem diversos como um princípio pedagógico particularmente saudável, contudo, esta prática representa em si um elemento de educação para a barbárie, uma vez que os professores continuam considerando a competitividade como um instrumento central da educação e um instrumento para aumentar a eficiência.

(...) Pode-se educar e crescer sem violência num mundo que não é mais aquele da partilha com os outros, mas uma arena onde a regra dominante é aquela da performance e da concorrência? (CHARLOT, 1997, p. 20).

Logo, é possível associar as importantes colocações presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais e ética (Brasil, 2000) ao propor o trabalho com o respeito mútuo, a justiça, o diálogo e a solidariedade no convívio escolar. Em relação ao papel do professor em sala de aula, o PCN aponta que o preconceito e o desrespeito freqüente entre os alunos devem ter destaque aos olhos do professor que não deve admitir tais atitudes. E ainda explica qual deve ser a atitude docente afirmando que não se trata de punir os alunos e sim fazê-los refletirem a respeito de suas atitudes explicando o que significa dignidade do ser humano demonstrando a completa impossibilidade de se deduzir que uma raça é melhor que a outra. Ainda sobre a importância do respeito ao próximo, o Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (1999) sustenta que a educação deve organiza-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento. Entre os pilares está o aprender a viver juntos:

(...) O clima geral de concorrência, que caracteriza, atualmente, a atividade econômica no interior de cada país, e, sobretudo em nível internacional, tem tendência de dar prioridade ao espírito de competição e ao sucesso individual. (...) Parece, pois, que a educação deve utilizar duas vias complementares. Num primeiro nível, a descoberta progressiva do outro. Num segundo nível, e ao longo de toda a vida, a participação em projetos comuns, que parece um método eficaz para evitar ou resolver conflitos latentes (...). Na prática letiva diária, a participação de professores e alunos em projetos comuns pode dar origem à aprendizagem de métodos de resolução de conflitos. (DELORS, 1999, p. 97)

Outro importante fator necessário à compreensão da violência escolar e particularmente, o *bullying* reside na idéia de que a instituição escolar não pode ser vista apenas como reflexo da opressão, da violência e dos conflitos que acontecem na sociedade, pois elas também produzem sua própria violência. Isso ocorre quando as escolas adotam medidas coercitivas e punitivas diante da violência (VIECILI, MEDEIROS, 2002) e confundem equidade (todos têm os mesmos direitos) com homogeneidade (todos são tratados como se fossem iguais, não levando em conta suas características e necessidades individuais, bem como suas diferenças pessoais). O comportamento violento resulta da interação entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais, como família, escola e comunidade. O modelo do mundo exterior é reproduzido nas escolas, fazendo com que essas instituições deixem de serem ambientes seguros, modulados pela disciplina, amizade e cooperação, e se transformam em

espaços onde há violência, sofrimento e medo. A escola deve objetivar a igualdade, mas mantendo-se a diferença, pois o contrário da diferença é a mesmice e o contrário da igualdade é a desigualdade (VEIGA NETO, 2005). Essa prática homogeneizante, segundo Guimarães (1996), pode ser notada nos mecanismos de disciplinarização do tempo, do espaço, do movimento, dos gestos e das atitudes, impondo aos corpos uma atitude de submissão e docilidade gerando uma reação que explode na indisciplina incontrolável ou na violência.

Esse tipo de prática é igualmente visível na metodologia empregada na aprendizagem, não levando em conta as experiências, os desejos e opiniões dos alunos excluindo-os do processo escolar. Muitas vezes, a escola não estabelece uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais e as experiências sociais que os alunos têm como indivíduo (FREIRE, 2007). Ensinar torna-se apenas transmitir conhecimento acumulado, e aprender se torna apenas assimilá-lo, não fazendo sentido estabelecer relações entre o escolar e o extra-escolar, entre o educador e o aluno, de tal modo que, são valorizadas somente as provas e as notas desconsiderando as dimensões afetivas, éticas, sociais, culturais e políticas tão necessárias à formação de um cidadão crítico, solidário, cooperativo e participativo. A escola, portanto, não deve se limitar ao mero saber, mas sim transmitir uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre (MORIN, 2000).

Segundo SANTOS (2007), o professor não tem toda a responsabilidade sobre as ocorrências de *bullying*, porém se o docente critica constantemente seu aluno, o compara com outros e o ignora, possivelmente estará expondo esse aluno a ser mais uma vítima do *bullying*, além de contribuir para um ambiente hostil e inseguro. Para Sharp e Smith (1996) indicam que em grande parte, as vítimas de *bullying*, por medo ou vergonha, sofrem em silêncio e isso é um fator que pode prejudicar o reconhecimento do *bullying* pelos professores.

Desta maneira, é plausível notar que esses espaços podem ser assegurados através de um projeto político pedagógico democrático e uma gestão escolar participativa. Um projeto político-pedagógico serve de referente à ação de todos os agentes que intervêm no ato educativo, entretanto a participação só ocorrerá se o projeto perseguir os objetivos dos atores e grupos envolvidos no ato educativo, em sua globalidade (COSTA, MADEIRA, 1997 apud VEIGA, 2003). Assim, um projeto político-pedagógico emancipado, entre outros fatores, deve ter um processo de construção coletiva fundada no princípio da gestão democrática que

reúne diferentes vozes, dando margem para a construção da hegemonia da vontade comum e voltada para a inclusão a fim de atender a diversidade de alunos, sejam quais forem sua procedência social, necessidades e expectativas educacionais (CARBONELL, 2002 apud VEIGA, 2003).

Destarte, professores e gestores precisam assumir uma postura mais relacional, dialógica, cultural, contextual e comunitária com seus alunos (GADOTTI, 2003). Compete aos docentes e gestores objetivar aos seus alunos a capacidade de compreender a cidadania como participação social e política, assim como o exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito. Cabe também aos mesmos fazer com que seus alunos exercitem a capacidade de posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas. Fazer com que os alunos posicionem-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (PCN, 2000). Uma vez que, qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar (FREIRE, 2007).

Nesta perspectiva, tem-se, como objetivo principal: Indentificar qual a percepção de estudantes de pedagogia frente aos casos de bullying no universo escolar e possíveis formas de intervenção profissional. e com objetivos específicos, verificar como os estudantes reconhecem a questão do *bullying* e suas principais características. verificar se os estudantes já vivenciaram ou presenciaram tal violência e como lidaram com a situação e verificar quais seriam as prevenções e intervenções.

Os profissionais da educação também podem promover o bullying quando naturalizam ou ignoram esse tipo de violência e deixam de lado a necessidade de lidarem com o afeto, conflitos e sentimentos dos alunos (FANTE, 2005). Podem estimular a violência quando por meio de uma disciplina imposta e uma gestão que não tem a participação de todos, adotam uma política homogeneizadora, não levando em conta as diferenças individuais e as experiências de cada aluno. Entretanto, se docentes e gestores estabelecem um vínculo entre todos os agentes que compõe o espaço escolar através do incentivo à cooperação, solidariedade e



respeito ao próximo, gerando um ambiente respeitoso e acolhedor, onde as diferenças são discutidas sem que haja imposição de poder e saber, e onde a resolução de conflitos e questões violentas se dá através do diálogo, mediação, negociação e respeito às individualidades, o *bullying* e o desrespeito tenderão a diminuir (CHRISPINO e CHRISPINO, 2002).

## **METODOLOGIA**

A pesquisa é um estudo bibliográfico que investigou a literatura sobre bullying, bem como a prática do docente e do gestor e suas concepções e atitudes em relação a este tipo de violência no intuito de discutir os dados relevantes encontrados e verificar a hipótese levantada. Foi realizado levantamento bibliográfico por busca eletrônica de artigos indexados nas bases de dados LILACS (Literatura Latino-Americana de Ciências da Saúde), MEDLINE (Literatura Internacional em Ciências da Saúde) e SCIELO (Scientific Eletronic Library Online), a partir das palavras-chave “bullying”, “trabalho docente” e “violência escolar” e leitura, análise, discussão e reflexão do referencial teórico. As publicações e referenciais bibliográficos foram analisados qualitativamente.

## **DISCUSSÃO**

Ao refletirmos sobre as percepções e atitudes dos futuros pedagogos acerca do bullying devemos necessariamente perpassar pelas especificidades do trabalho docente bem no intuito de entendermos de que maneira estas especificidades podem influenciar nas ações diárias dos profissionais da educação.

Partindo do entendimento de que o docente é um dos elementos que possibilita a construção de um ambiente cooperativo e de acolhimento ao outro buscando alternativas para reduzir a violência escolar, é de grande relevância que esta prática vise e preocupe-se com o relacionamento entre os alunos sendo necessário o desenvolvimento de condições propícias para a prática cotidiana de todos os agentes escolares em prol de tal coletividade.

Tardif (2005) ao discutir o trabalho do professor enfatiza a ambigüidade e contradição existente na prática docente afirmando que é preciso a princípio ter em

mente que a docência é uma profissão complexa, repleta de especificidades, desafios e inseguranças, exposta a inúmeras influências e jogos de poder, pois se dá em uma instituição igualmente complexa. Ainda de acordo com Tardif (2002), a escola é um espaço social que possui estruturas únicas que exige uma grande demanda do professor.

Até o presente momento foram realizadas entrevistas com cerca de 21 estudantes de pedagogia em fase final do curso de licenciatura. Pôde-se perceber que o tema é extremamente conhecido entre as participantes através de mídias como jornais e revistas, no entanto o mesmo não se pode dizer de seu aprofundamento teórico, já que o tema ainda não é discutido nos cursos de graduação da área. Ainda há muitos aspectos a serem desmistificados, uma vez que o *bullying* é tido como um processo natural entre os estudantes, sendo considerado uma brincadeira juvenil. Entre os relatos, também foi possível perceber as representações formadas acerca do termo bullying uma vez que foi tido entre as participantes como sinônimo de violências físicas específicas como empurrões ou beliscões ou o pronunciamento de apelidos maldosos. Como soluções para um acontecimento como este no ambiente escolar, foram relatados entre as estudantes medidas punitivas isoladas. Sabe-se que o *bullying* é um tipo de violência que envolve perseguições sistemáticas causando sérias consequências e que sua possível solução encontra-se em um longo processo de envolvimento, encontro de grupos, campanhas, conscientização entre todos agentes escolares. Por isso, a discussão de fenômenos como este ainda encontram-se no eixo central para melhoria da igualdade entre todos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que encontramos diante do quadro teórico e do ambiente que propicia o *bullying* o quão importante é o papel do docente no combate e prevenção do *bullying* demonstrando que embora seja uma profissão repleta de impasses, contradições e especificidades, faz-se necessária que esta prática profissional seja permeada pela conscientização e responsabilidade acerca dos aspectos afetivos, relacionamentos que este docente possa intervir, remediar e trabalhar com fatores que despertam o *bullying*, que os alunos possam vir a ter partindo do pressuposto que o trabalho com estes aspectos devem fazer parte do cotidiano, planejamento, reuniões assim como vivências diárias das instituições escolares uma vez que a percepção de que o *bullying* é apenas uma brincadeira de criança é errônea e prejudicial tendo graves conseqüências a todos que freqüentam o ambiente escolar.

Para isso, é necessário que este profissional tenha em sua formação o conhecimento que componha essa discussão. Identificamos que se o profissional tem em sua formação aspectos que trabalhem teoricamente a questão do *bullying*, o capacitará para a prática, principalmente, quando esse profissional perceber que o *bullying* apresenta características específicas referente ao agressor e vítima. Dessa forma entram na discussão dois importantes contextos, o agressor e a vítima (o agredido), o que permeia a identificação de comportamentos e fatores de risco.

O que vislumbramos acerca do tema é que precisamos de uma abordagem mais específica nos cursos de formação de pedagogo, para que possa atuar positivamente, prevenindo, intervindo casos que ocorram dentro do ambiente escolar, afinal esse profissional está em contato diário com os alunos, o que possibilita a identificação das mudanças de comportamentos específicas nos casos de *bullying*. A discussão se faz necessária justamente por contribuir para que as crianças e adolescentes tenham o mínimo de contato com a violência *bullying* em sala de aula, por meio de intervenções e de políticas públicas necessárias.

## REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M. (Coord.). *Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas*. Brasília: UNESCO, 2003.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M.G. *Violência nas escolas: versão resumida*. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ABRAPIA – Associação Brasileira de Multiprofissionais de Proteção à criança e o adolescente. *Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre estudantes*. Disponível em: <http://www.bullying.com.br/>. Rio de Janeiro, 2003. Acesso em 16 de novembro de 2013..

ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

BEAUDOIN, M.N.; TAYLOR, M. *Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: apresentação dos Temas Transversais Brasília: MEC/SEF, v.8, 2000.

CARBONELL, J. *A aventura de inovar: a mudança na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COSTA, A.C.; MADEIRA, A.I. *A construção do projeto educativo de escola: estudos de caso no ensino básico*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1997.

COSTANTINE, Alessandro. *Bullying: Como combatê-lo?* São Paulo: Editora Itália, 2004.

CHARLOT, Bernard. *Violences à école: état dês savoirs*. Paris: Armand Colin, 1997.

CHRISPINO, Álvaro e CHRISPINO, Raquel. *Políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar*. São Paulo: Editora Biruta, 2002.

DELORS, Jacques. *Educação – um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, 1999.

FANTE, C.A.Z. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2.ed. Campinas: Verus. 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GADOTTI, M. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. São Paulo: Grubhas, 2003.

GUIMARÃES, Áurea M. *A dinâmica da violência escolar.- conflito e ambigüidade*. Campinas, SP: Autores associados, 1996.

KIM, Y.S; LEVENTHAL, B.L; KOH, Y.J; BOYCE, WT. Bullying increased suicide risk: prospective study of korean adolescents. *Archives of suicide research*, p.15-30, 2009. Disponível em: <http://search.bvsalud.org/regional/resources/mdl-19123106>. Acesso em 4 de abril de 2014.

LOPES NETO, A.A. *Bullying: comportamento agressivo entre estudantes*. Jornal de Pediatria Online, Porto Alegre, v. 81, n. 5, p. 164-172, nov. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S002175572005000700006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S002175572005000700006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 29 de novembro de 2013..

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. 9. ed. São Paulo: E.P.U., 2005.

MICHAUD, Y. *A violência*. São Paulo: Ática. 1989.

MINAYO, M.C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 3.ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, Brasília: UNESCO. 2000.

NETO, Alfredo Veiga. *Quando a inclusão pode ser uma forma de exclusão*. In: RANNA, M.M.A. *Psicologia e direitos humanos: educação inclusiva*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p. 55-70.

NOGUEIRA, R. M. C. P. A. *Violências nas escolas e juventude: um estudo sobre o bullying escolar*. Tese de Doutorado em Educação. São Paulo: PUC de São Paulo, 2007.

OLWEUS, Dan. *Bullying at school: What we know and what we can do?* Oxford: Blackwell, 1995.

PEREIRA, Beatriz oliveira. *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian-Fundação para a Ciência e Tecnologia, Ministério da Ciência e Tecnologia, 2002.

SANTOS, Luciana Pavan Ribeiro dos. *O papel do professor diante do bullying na sala de aula*. Bauru: Unesp, 2007. Disponível em: <http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogiaTCC%20Luciana%20Pavan%20%20Final.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2014.

SMITH,P.K; SHARP,S. *School bullying: insights and perspectives*. London: Routledge, 1996.

SPOSITO, M.P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e a ação coletiva na cidade. In: Tempo Social. *Revista de Sociologia da USP*. 5, 1994.

VEIGA, I.P.A. Inovações e projeto político-pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória?. *Caderno Cedes*, v.23, n.61, p. 267- 281, dec. 2003 Campinas Disponível em:[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010132622003006100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132622003006100002&lng=en&nrm=iso). Acesso em 7 de dezembro de 2013.

VICIELI, J; MEDEIROS, J.G. A coerção e suas implicações na relação professor-aluno. *PsicoUSF*, vol.7, n.2, 2002. Disponível em: <http://74.125.47.132/search?q=cache:0SB4BiJOy4J:pepsic.bvpspsi.org.br/pdf/psicousf/v7n2/v7n2a12.pdf+A+coer%C3%A7%C3%A3o+e+suas+implica%C3%A7%C3%B5es+na+rela%C3%A7%C3%A3o+professoraluno&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em 29 de novembro de 2013.